

PROGRAMA KAIOWÁ/GUARANI: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE ANTROPOLOGIA E PRÁTICA INDIGENISTA¹

Katya Vietta

O Projeto *Suicídio entre os Kaiowá/Guarani: proposta de investigação e desenvolvimento de ações objetivando a superação de suas causas* é o suporte do que denominamos *Programa Kaiowá/Guarani*, surgiu da necessidade de realizar um amplo trabalho de pesquisa e de ação, e tem como objetivo central a elaboração de alternativas que oportunizem a gradativa melhoria da qualidade de vida entre a população Kaiowá/Guarani² que habita o Mato Grosso do Sul. A atual situação vivenciada por estas sociedades é de extrema dificuldade, tanto do ponto de vista da produção econômica, como no que diz respeito à quebra de determinados valores tradicionais, que aparecem em seus relatos como elementos importantes para o restabelecimento do equilíbrio social.

Para dar início às atividades de recuperação ambiental e incentivo à produção econômica previstas no *Programa* foram escolhidas a área de Jarará e a Reserva de Caarapó, pois, por suas características, elas permitem a elaboração de um trabalho piloto. A análise de diferentes realidades e as respostas dadas, por cada comunidade, às atividades desenvolvidas permitirão a construção de parâmetros importantes para fins de comparação. Caarapó está entre as Reservas demarcadas pelo

¹ Este estudo reflete algumas discussões realizadas com a equipe, especialmente com Antônio Brand, responsável pelo *Programa Kaiowá/Guarani*.

² A sociedade indígena Guarani, no Mato Grosso do Sul, está representada pelas parciais Kaiowá e Ñandeva, sendo que esta se auto-reconhece e é reconhecida pela denominação Guarani, portanto será tratada desta forma. Embora em menor número, os Guarani estão presentes em várias aldeias Kaiowá, por isso o uso da designação Kaiowá/Guarani para referir às duas parcialidades.

SPI no início deste século³ e Jarará é uma área tradicional de ocupação, e como outras foi recentemente retomada. A maioria de sua população viveu durante muitos anos fora de aldeia e, portanto, se encontra em fase de reordenação. As áreas tradicionais possuem uma maior autonomia interna, pois mantêm como referência de organização a família extensa e possuem um índice populacional bastante inferior ao das Reservas. Enquanto estas possuem um maior número de problemas, entre os quais estão as mais altas taxas de suicídios.

Os problemas enfrentados pelos Kaiowá/Guarani têm como pano de fundo a situação de extremo contato com a sociedade envolvente e suas conseqüências mais comuns: perda de parte significativa do território tradicional, confinamento de um grande contingente populacional nas Reservas Indígenas, degradação ambiental das áreas ocupadas e, conseqüentemente, a necessidade de garantir a maior parte da economia fora da aldeia. No entanto, estas constatações são insuficientes para retratar a complexa realidade vivenciada, representando, apenas, os sinais mais emergentes de um processo histórico profundamente desfavorável para a manutenção do modelo cultural destas sociedades.

A questão apresentada para os Kaiowá/Guarani, principalmente nas últimas décadas, é a necessidade de uma constante reordenação do modelo de organização social, tendo em vista absorver uma nova realidade colocada a partir da vivência de uma estreita relação de contato com a sociedade envolvente. Porém, do ponto de vista daquelas sociedades, isto não pode ser compreendido como um processo de “perda da cultura tradicional”, ou ser confundido com qualquer proposição de um “projeto de assimilação”. Reordenar os valores culturais não significa transformar-se em “outro”, ou simplesmente

³ Entre 1915-1928, foram demarcadas 8 Reservas, quase todas localizadas fora da área de ocupação tradicional, com a intenção de promover a desocupação dos espaços passíveis de interesse econômico. Um grande número de famílias foi obrigado a abandonar as suas aldeias, na maior parte das vezes, mediante coação exercida por parte do órgão indigenista oficial e pelos fazendeiros locais (Brand, 1993, cap. II).

investir-se de um novo modelo cultural. É dar uma velha roupagem às coisas novas, através de uma leitura peculiar desta realidade, seja ela imposta ou opcional.

A cultura, sendo uma forma particular de tecer aqueles elementos que compõem os universos natural, social e sobrenatural, condiciona a leitura que cada sociedade faz da realidade. Assim, em situações de extremo contato, em que a influência externa é muito representativa e, portanto, geradora de novas necessidades e questionamentos ou, ainda, muitas vezes, como é o caso entre os Kaiowá/Guarani, propondo situações, que desencadeiam mudanças estruturais, tais como a expulsão das aldeias, obrigando as famílias a se reorganizarem em novas áreas, ou a permanecerem fora das aldeias por longos períodos, muitos dos conceitos internamente vivenciados pela sociedade são colocados em xeque, o que conseqüentemente gera inúmeros conflitos, do ponto de vista pessoal e social.

Com isso, se faz necessário reordenar os papéis e práticas sociais: repensar o estatuto das lideranças políticas, as práticas religiosas, a produção econômica, a concepção da família extensa como elemento estruturador, frente a emergência de um novo modelo de organização que se impõe. Ou seja, procurar novos lugares para as coisas, dar significado próprio à nova realidade. Esta reordenação pode ser entendida como a “tradução” de uma nova vivência, a partir das categorias culturais nativas. Para os Kaiowá/Guarani, por exemplo, isto parte do que eles denominam **ñande reko** (nosso modo de ser/cultura). Assim, são absorvidos aqueles elementos que, de alguma forma, fazem sentido dentro dos padrões culturais e das novas expectativas da sociedade ou de segmentos dela. Estes, a longo prazo, podem ser também incluídos na “cultura tradicional”. É desta forma que deve ser entendida as diferentes respostas dadas, pelas várias sociedades indígenas, à situação de contato. No entanto, como nos mostram inúmeros exemplos entre estas, em especial os Kaiowá/Guarani, como será tratado em seguida, se em nível teórico este processo parece tranqüilamente realizável, na prática ele traz uma série de dificuldades.

Embora os padrões de comportamento de qualquer sociedade façam parte de sua tradição, isto é, sejam historicamente vivenciados por ela, também são passíveis de alteração. Pois a cultura não é algo dado, ela é uma construção, portanto inventada e mutante. A mudança pode ser lenta, como acontecia com as sociedades indígenas no passado, ou profundamente rápida, como acontece na nossa sociedade ou na maior parte daquelas, no presente. Este processo é denominado pela Antropologia por dinâmica cultural. A partir desta se pressupõe a capacidade que cada sociedade tem de se transformar, o que, como já foi dito, não pode ser confundido com “perda da cultura”. Por outro lado, a dinâmica cultural não deve ser tomada como sinônimo de “progresso”. Esta noção é criada pela nossa sociedade, a partir de conceitos fundamentados, também, pela Antropologia no século passado.

Neste momento, o que está em jogo para as Ciências Humanas é a compreensão da imensa diversidade entre os vários modelos culturais. Para solucionar esta questão, toma-se talvez o caminho mais curto, ou talvez o único dentro da visão possível para a época. A diversidade é concebida como fruto de uma hierarquia, o que permite classificar as sociedades entre inferiores e superiores, primitivas e civilizadas. O pressuposto para esta explicação é que: se o homem, enquanto espécie biológica, possui uma história única, deve também existir uma única “história da cultura”. Desta forma, as sociedades são diferentes porque se localizam em estágios de desenvolvimento diversos, numa escalada em direção ao “progresso cultural”. No patamar mais alto, autodenominada superior e civilizada, encontra-se a sociedade europeia do século XIX e, no inferior, a concepção abstrata do reino animal, desprovido de cultura.

Para definir os estágios de desenvolvimento das diversas sociedades, é tomado como parâmetro as características do instrumental tecnológico, a concepção de religião e de organização social. Estas informações são classificadas, a fim de preencher os espaços vazios entre aqueles dois patamares. O problema maior estava na perspectiva de acreditar ser possível poder comparar tais elementos, tomados

isoladamente, isto é, descolados de seu contexto original e, portanto, destituído de significado, e relacioná-los com aqueles arbitrariamente definidos como equivalentes, mas pertencentes a outras sociedades. Utilizando, assim, um recurso semelhante ao da biologia para classificar as espécies. Atualmente, mais generosa com a diversidade, a Antropologia define-a como o resultado de inúmeras possibilidades de respostas dadas, pelas várias sociedades, a situações existenciais comuns.

Cada sociedade resolveu as suas questões de forma diferenciada, criando uma tecnologia própria, uma organização eficaz, aproveitando os recursos naturais da maneira mais apropriada, dominando o desconhecido através do sistema religioso, entre vários outros aspectos. Todos estes elementos estão relacionados entre si e só fazem sentido quando observados em conjunto. A possibilidade de propiciarem uma relação equilibrada entre sociedade e meio-ambiente, entre indivíduos e instituições, além de uma boa qualidade de vida, extensiva a toda população, são indicadores da eficácia de um modelo cultural. As sociedades indígenas, pelo menos antes de sofrerem profundas alterações devido ao intenso contato, desfrutavam mais facilmente deste conceito de eficácia, do que a nossa sociedade. Portanto, esta é uma idéia antagonica a “noção de progresso” esboçada acima.

Utilizamos alguns conceitos elementares da Antropologia, que embora estejam, aparentemente, distantes do objeto direto de interesse deste artigo, são importantes como ponto de partida para a uma reflexão mais aprofundada, ampliando a abordagem sobre o complexo quadro, atualmente, vivenciado pelos Kaiowá/Guarani. Principalmente, porque se trata da discussão de propostas de intervenção voltadas para a recuperação do meio-ambiente, incentivo à produção econômica interna e saúde preventiva. Estas propostas podem alcançar um resultado satisfatório se forem absorvidas pelas comunidades e, posteriormente, mantidas independente da presença da equipe de trabalho. Isto será possível se elas encontrarem respaldo no modelo cultural e nas expectativas das comunidades alvo, bem como tendo nelas a iniciativa do seu gerenciamento.

Desta forma, se faz necessária a contínua realização de pesquisas, capazes de orientar a equipe, para que, em conjunto com as comunidades, tenha condições de definir as atividades a serem desenvolvidas. Cabe à equipe perceber as expectativas destas, questionando e estimulando as suas iniciativas e, ao mesmo tempo, oferecer instrumentos para a construção de alternativas viáveis. Portanto, proporcionando às comunidades uma reflexão sobre aqueles problemas que são de fato estruturais, permitindo que, a partir de suas referências culturais, construam as saídas que lhes pareçam mais convenientes. Para desencadear esta reflexão, é necessário que a equipe disponha de um amplo conhecimento sobre a concepção que os Kaiowá/Guarani têm de seus problemas, tanto do ponto de vista terreno como espiritual.

Para os Guarani, assim como para as sociedades indígenas de uma maneira geral, o entendimento sobre a realidade está estreitamente associado às concepções de seu sistema de crenças: mitos que se referem à criação, povoamento e destruição do mundo, à relação entre os homens, os deuses e a natureza. Através destas é que se torna possível realizar a constante “tradução” das novas vivências, tornando-as inteligíveis dentro das categorias culturais. Portanto, estes elementos contêm a chave para captar as reações Kaiowá/Guarani, seja no âmbito individual ou social, ao longo destes últimos anos. Pois estas consistem, de alguma forma, numa resposta peculiar dada à situação de contato. O suicídio, por exemplo, só pode ser entendido neste contexto.

Embora exista inúmeras obras publicadas sobre os Guarani, tratando principalmente sobre a descrição e análise de aspectos da cosmologia, estas, em geral, estão marcadas por um descolamento das análises de caráter sociológico, prescindindo, portanto, de um maior entrelaçamento entre as concepções religiosas e as vivências do cotidiano. Há vários espaços vazios, que dificultam a formulação de um quadro abrangente para iluminar a amplitude das respostas elaboradas por eles, no encaminhamento da solução dos problemas enfrentados, a partir da situação de contato, tanto no passado como no presente. Desta forma, a discussão teórica desenvolvida pela

Antropologia pode ser um instrumental importante, no sentido de contribuir para a redução destes espaços, pois permite detectar, com maior ênfase aqueles aspectos fundamentais, inerentes à visão de mundo construída por uma dada sociedade e, portanto, desvendar de que forma esta reproduz, constrói e manipula estes aspectos frente às vivências cotidianas.

Na medida em que se visa uma associação entre pesquisa e intervenção, as atividades propostas pelo *Programa* exigem a constante análise e interpretação do entrelaçamento entre as categorias sociológicas e cosmológicas. Apresentando, assim, um dado inovador, tanto para a pesquisa, como para a intervenção. Isto faz da sua execução um desafio, pois cada etapa de trabalho precisa ser gradativamente construída, e os resultados só podem ser alcançados de forma lenta e gradual. Porém, acreditamos que esta é a maneira mais eficaz para garantir que eles sejam realmente positivos e, portanto, capazes de permanecerem, mesmo após findadas as atividades do *Programa*. Nestes últimos anos, várias propostas de intervenção, voltadas principalmente para a melhoria da produção econômica, foram efetuadas, porém elas não têm conseguido alterar, significativamente, o quadro de miséria, desnutrição e desagregação social entre os Kaiowá/Guarani. Talvez o limite esteja em seu caráter pontual, pensando a produção econômica descontextualizada dos demais aspectos culturais. Algo difícil para uma sociedade indígena, em que todos estes aspectos se perpassam, e a produção está antes relacionada ao sistema de crenças do que às questões técnicas.

No entanto, a atual degradação dos recursos ambientais exigem intervenções técnicas que extrapolem o modelo tradicional de produção. Assim, o desafio colocado está em alterar esta situação, sem perder a perspectiva tanto dos aspectos míticos, como das exigências sociais de produção: o caráter central da família extensa, a divisão sexual do trabalho, os rituais ligados ao plantio e à colheita, bem como as expectativas criadas a partir do intenso contato com a sociedade envolvente e seus valores, pois estas também vão definir a

forma como a sociedade se movimenta em busca das suas alternativas. Frente à complexidade desta situação e a antecipação de algumas das atividades de intervenção, ainda para este ano, foi defendido junto à equipe a importância da execução de um estudo preliminar, a fim de respaldar o seu planejamento. Este *Diagnóstico* se estendeu por três meses e permitiu perceber alguns aspectos importantes do comportamento Kaiowá/Guarani, bem como definir algumas hipóteses norteadoras para a pesquisa e para a intervenção.

Nos seus relatos, é constantemente destacada a crescente perda da qualidade de vida, principalmente nestas últimas décadas, o que é atribuído de forma direta ou indireta ao extremo contato. Esta situação está associada à perda de parte significativa do território, a superpopulação, especialmente das Reservas, como resultado da sobreposição de aldeias e a conseqüente escassez dos recursos naturais. A sobreposição de aldeias e de lideranças político-religiosas dificulta o estreitamento de vínculos entre os grupos familiares, impossibilitando a construção de uma identidade que aglutine toda a população da Reserva. Isto, entre outros aspectos, contribui para o enfraquecimento de muitas lideranças e para o comprometimento da organização interna do grupo, facilitando a intervenção de vários segmentos da sociedade envolvente, o que por sua vez, acirra esta situação. A superpopulação impede a exploração racional dos recursos naturais, acarretando no seu rápido esgotamento (Vietta, 1996 : 3-4).

Assim, as pequenas áreas de mata, atualmente, dispõem de pouca caça e itens para coleta de alimentos, medicamentos e matéria-prima. Em algumas aldeias, a sua exploração é praticamente inexistente, o solo está empobrecido, a coivara é impraticável e, pela pouca oferta, a pesca torna-se uma atividade esporádica ou impossível de ser realizada. No período da seca, o fogo facilmente se alastra pelo “colônião”⁴, atingindo as reservas de mata e contribuindo, a cada ano, para

⁴O “colônião” é um tipo de pastagem exótica, bastante resistente, que foi incorporado pelos fazendeiros da região e, pela facilidade de sua expansão, atualmente, cobre grande parte das aldeias.

a sua redução, comprometendo ainda mais o ecossistema. Na maior parte das aldeias, a renovação dos recursos naturais é impossível sem que haja uma ação técnica planejada e abrangente. Esta situação é parte dos problemas enfrentados para garantir a produção interna de alimentos. Sem estes recursos, os Kaiowá/Guarani buscam o assalariamento através do contrato nas usinas de álcool, como bóia-fria nas fazendas vizinhas, entre outras atividades. A aposentadoria também é um elemento importante na obtenção de recursos financeiros.

Os contratos com as usinas duram, em média, 45 dias, durante este período vários homens estão fora da aldeia. A maioria deles são jovens adultos, casados ou solteiros, que, portanto, ficam ausentes de suas responsabilidades familiares, econômicas, políticas e religiosas, comprometendo o papel da família extensa na produção econômica e na sustentação em nível simbólico do grupo. Por suas peculiaridades, na aldeia de Jarará até o presente, não se faz necessário buscar recursos através da venda da mão-de-obra. No entanto, em Caarapó, durante o período do corte da cana (maio/novembro), cerca de 300 homens se revezam no contrato, além de um contingente não estimado de homens, mulheres e jovens que trabalham como bóia-fria nas fazendas vizinhas. Em Caarapó residem cerca de 500 famílias elementares. É provável que todas elas contem com recursos econômicos externos para garantir a sua economia, sejam estes provenientes do trabalho assalariado ou das aposentadorias⁵. No entanto, ao que parece, estes recursos não estão diretamente associados à melhoria de qualidade de vida.

As noções de lucro e excedente de dinheiro são dados recentes para as sociedades indígenas. Os Kaiowá/Guarani, como muitas outras tribos, não conseguem incorporá-los com a mesma facilidade que a sociedade envolvente. Há uma imensa dificuldade em planejar o uso do dinheiro, ou estabelecer uma relação entre o produto ou a prestação de serviço e seu valor real. Assim, o assalariamento, como qualquer outra forma de remuneração, não parece ser o meio mais

⁵ Segundo informação obtida junto ao chefe de Posto da Reserva, em Caarapó, atualmente, há cerca de 300 aposentados.

eficaz para solucionar as necessidades básicas de cada família, por um longo período, principalmente as relacionadas à alimentação. Pois, ele acaba sendo gasto na medida em que é recebido, muitas vezes empregado em artigos que não são prioritários, ou, ainda, na compra de bebidas alcoólicas. Contudo, atualmente, devido às limitações que envolvem a produção interna de alimentos, aliada à necessidade de aquisição de uma série de bens de consumo, faz com que alguma forma de remuneração seja uma exigência.

A venda da mão-de-obra impõe o afastamento da aldeia por longos períodos, os quais coincidem com os de preparação das roças. Em muitas famílias esta atividade reduziu a sua importância, tornando-se uma responsabilidade das mulheres e crianças, o que contribui para ampliar a dependência do trabalho assalariado. Por outro lado, o desequilíbrio ambiental permite a proliferação de formigas e outras pragas que atacam a lavoura e exigem meios eficazes para o controle, não disponíveis em grande escala para cada grupo familiar. Devido a baixa qualidade do solo, muitos criam expectativas sobre o uso do trator, que passou a ser considerado um instrumento importante na produção, porém seu uso nem sempre é possibilitado. Em Caarapó, por exemplo, muitas famílias preparam pequenas áreas para o plantio, com o uso da enxada, enquanto esperam que o “capitão”⁶ envie o trator para trabalhar em sua área residencial, o que nem sempre acontece. Algumas pessoas afirmam que precisam vender a mão-de-obra, ou parte da colheita anterior para comprar o óleo diesel para o trator. Portanto, mais uma vez está criado o círculo vicioso.

Todos estes aspectos acabam contribuindo para que os Kaiowá/Guarani tenham uma alimentação de baixa qualidade nutricional. Desprovidos de inúmeros recursos, anteriormente garantidos pela coleta, caça e pesca, eles acabam condicionando a sua dieta essencialmente ao amido: mandioca, arroz, milho. Os produtos à base de amido também são os mais procurados no mercado. A carne é um item excepcional,

⁶ Liderança política das aldeias e Reservas.

embora a maioria das famílias criem galinhas ou, mais raramente, outros animais, isto se dá em pequena escala, pois é necessário que haja uma boa oferta de grãos para a sua manutenção. Portanto, para garantir o consumo de proteína, geralmente, é necessário comprá-la.

Se os salários e as aposentadorias recebidos pelos Kaiowá/Guarani não têm contribuído significativamente para qualificar o seu padrão de vida, o mesmo não pode ser dito a respeito de alguns comerciantes e prestadores de serviços que vivem nas cidades vizinhas. Estes, constantemente apresentam inúmeras facilidades para que aqueles gastem o seu dinheiro. Isto se dá, principalmente, através: da oferta de produtos superfaturados, que são fretados até a aldeia por altos custos; dos motoristas de táxi, que conhecem a rotina de pagamento dos benefícios da aposentadoria e dos contratos, e vão até a aldeia para pegar passageiros que precisam ir à cidade receber ou fazer compras, os quais cobram preços exorbitantes; dos “marreteiros”, que diariamente circulam pelas aldeias, oferecendo baixos pagamentos na compra da produção realizada na aldeia e vendendo outros por preços abusivos. Entre os produtos oferecidos pelos “marreteiros” merece destaque as carcaças de galinha e partes de carne de gado comumente rejeitadas pelo consumidor, nas cidades. Segundo alguns relatos, estes produtos muitas vezes chegam até a aldeia em péssimas condições.

Embora para garantir a alimentação, em muitos casos, seja necessário vender a mão-de-obra, este talvez não seja o único motivo que leve os Kaiowá/Guarani a aceitar o contrato. Existem outros fatores que precisam ser analisados com mais profundidade. Parece haver por parte, principalmente, dos jovens adultos -casados ou solteiros- uma valorização sobre o trabalho assalariado, ou pelo menos de algumas coisas que o dinheiro pode proporcionar: o tênis, calça de brim, camisa nova, rádio/toca-fitas, entre outros produtos. A “moda do branco” não influencia somente a vestimenta, mas o corte do cabelo, a maquiagem usada por algumas jovens. Isto faz parte de uma nova linguagem gestual assumida por eles, que também está relacionada a uma mudança de comportamento no interior da aldeia. Eles não participam dos eventos

coletivos, muitos trocam os rituais tradicionais pelos cultos e preferem a agitação das aldeias localizadas próximos aos grandes centros urbanos, afirmando que as outras são “tristes”, “não têm movimento” ou “barulho de carros”. Neste sentido, talvez o contrato também represente uma ponte para coisas que acontecem fora da sua sociedade.

A aquisição de produtos industrializados exerce também a sua influência em muitos adultos. Embora alguns deles defendam a importância do trabalho nas roças e a auto-sustentação da família através da produção interna, buscam na venda da mão-de-obra a sua manutenção. Portanto, é necessário investigar com mais rigor como os Kaiowá/Guarani constroem esta representação, que mostra uma valorização de aspectos exteriores à sua sociedade, pois contradições deste tipo estão presentes em outros momentos e acreditamos ser importantes para compreender as expectativas criadas por eles nestes últimos anos. Quando se referem aos problemas atualmente vivenciados, contrastam esta situação ao “sistema dos antigos”, apontando-o como modelo ideal, que este precisa ser mantido ou resgatado. Porém, quando questionados sobre a perspectiva de encaminhamento para a resolução daqueles, apontam para instituições ou pessoas externas à comunidade: órgãos governamentais, igrejas, escola, ONGs, e outros.

Devido à degradação ambiental, a horticultura é a forma de produção que dá suporte à economia interna. Portanto, os Kaiowá/Guarani se referem a ela como meio de produção a ser incrementado, mas, para isso, propõem a utilização de recursos empregados no modelo agrícola desenvolvido pela sociedade envolvente, ou seja, algo que não dominam com eficiência e que é de difícil acesso, se buscado individualmente. Da mesma forma, eles comumente transferem este incremento para agentes externos, FUNAI ou outras instituições de apoio: seja em nível da gerência da sua organização, seja na oferta de instrumentos e produtos, não privilegiando a organização ou autonomia interna, para o encaminhamento das questões coletivas. Como foi dito acima, isto pode estar relacionado à valoração daquilo que é externo, porém também reflete necessidades criadas a partir de inter-

venções anteriores, que de alguma maneira despertaram o interesse para formas de produção deste tipo, mesmo que os seus resultados não tenham sido plenamente satisfatórios a longo prazo.

Como, através da horticultura é possível envolver os grupos familiares e, a curto prazo, garantir um retorno, em termos de alimentação e comércio, ela geralmente é objeto de interesse dos programas desenvolvidos nas aldeias. No entanto, quando este tipo de ação é proposta de forma isolada ou não é gestada a partir da lógica de organização da população alvo, apresenta alguns limites, na medida em que: introduz elementos, dentro de um conceito de produção e eficiência que tem origem na sociedade envolvente e que, por isso, acaba não sendo incorporado de maneira adequada; propõe uma forma de organização que fere a divisão familiar e sexual do trabalho e não privilegia a produção econômica como um todo (caça, pesca, coleta), o que reflete no desequilíbrio da dieta alimentar. Em geral, as intervenções de caráter agrícola apresentam bons resultados imediatos, pois, com a utilização de tratores e grandes investimentos em sementes e outros insumos, a produção é ampliada de forma substancial. Porém, como mostram inúmeros exemplos entre as sociedades indígenas e, em especial, entre os Kaiowá/Guarani, quando o gerenciamento externo termina, as roças familiares tendem a perder sua expressão.

Ao mesmo tempo, o aumento da produção traz a necessidade de novas formas de armazenamento, pois as técnicas dominadas pelos Kaiowá/Guarani, assim como outras sociedades indígenas, são eficientes para a conservação de grãos em pequena escala. Sem estas condições, tornam-se objeto de comércio. Como isso acontece no período da colheita, o valor obtido é muito baixo e o lucro ineficiente para suprir as necessidades das famílias, ao longo do ano. A comercialização, também, impede a manutenção de um excedente importante para a alimentação e para o incremento da criação de animais domésticos e, ainda, é preciso comprar, novamente, as sementes para o próximo plantio. Deve igualmente ser considerado que, a produção estando voltada para o comércio, muitos dos produtos tradicionais,

que apresentam um valor nutreico superior, foram abandonados. São raras as famílias que dispõem de sementes dos inúmeros dos produtos tradicionais, e muitas pessoas afirmam não conhecerem uma série deles. Inclusive algumas variações do milho, este, além de ser historicamente a base da alimentação das parciaisidades Guarani, também possui um papel importante dentro das concepções religiosas do grupo.

A perda da qualidade de vida dos Kaiowá/Guarani está ligada, em grande parte, à degradação do meio-ambiente, ocorrida principalmente nos últimos anos. Isto se deve à ausência de uma preocupação com a preservação dos recursos naturais, tanto por parte das políticas públicas, como das próprias comunidades. Estas, por sua vez, não dominam as técnicas necessárias para a manutenção do equilíbrio ambiental em áreas muito reduzidas, como as das atuais aldeias e Reservas. A relação estabelecida entre sociedade e ambiente, no passado, mostra uma adequação entre modelo cultural e preservação ambiental representando, por si só, uma estratégia neste sentido. Neste modelo tem destaque a migração e a coivara, dois recursos atualmente impraticáveis, mas que ainda condicionam a relação estabelecida com o meio. Desta forma, os Kaiowá/Guarani agem como se os recursos ambientais fossem inesgotáveis, embora estejam sentindo os danos que esta degradação representa para o seu modo de vida.

Por estes e outros motivos, eles podem ser considerados co-responsáveis pelo desmatamento das Reservas, seja em anos anteriores, através da participação de algumas lideranças, muitas vezes com a conivência do órgão indigenista, na venda de madeira, seja, por parte da comunidade, no descuido da utilização do fogo⁷, que como foi dito anteriormente, contrubui para a ampliação do desequilíbrio

⁷ Eles apontam as crianças ou os bêbados como os maiores responsáveis pelos focos de incêndio, além do uso, por jovens e adultos, de bombinhas, foguetes, cigarros e outros. No entanto, embora não haja mais matas suficientes para a prática da coivara, em sua íntegra, os Kaiowá/Guarani continuam usando o fogo para limpar as roças antes do plantio, o que acontece no final do período da seca. De uma forma ou outra, com vento forte, típico deste período, o fogo facilmente se alastra pelo “colônião”, atingindo as áreas de mata.

ambiental. Duas realidades recentes que precisam ser melhor avaliadas e discutidas. A demarcação das aldeias, isto é, a definição de uma pequena área para circulação e exploração, na qual os recursos não são facilmente renováveis, representa uma mudança radical na relação com o meio-ambiente, pois implica no uso racional deste.

Portanto, não é suficiente, do ponto de vista de uma proposta de intervenção voltada para a produção interna de alimentos, apenas garantir a produção horticultora, é necessário propor discussões e encaminhar ações voltadas também para problemas mais profundos que dizem respeito à relação estabelecida entre sociedade/meio-ambiente e sociedade/setores externos. Nesta última, deve ser considerada tanto a produção interna, como na venda de mão-de-obra, estando, igualmente, atento aos novos hábitos de consumo e de comportamento, pois, se estes não tendem a ser transformados, é importante que se busque criar condições que favoreçam a melhoria da qualidade da alimentação, pois os índices de desnutrição e de doenças relacionadas a má alimentação são bastante expressivos, principalmente entre as crianças, mas também entre os adultos.

Quando referimos à existência, entre os Kaiowá/Guarani, de um movimento para o exterior, para coisas que estão além do seu modelo cultural e, portanto, do que eles identificam como tradição, não cremos que se possa falar em “perda de identidade”, pois a leitura desta vivência é realizada a partir de seus padrões culturais. Por isso mesmo se torna confusa, pois evidencia o choque entre conceitos e modelos de vida diferenciados. Isto, certamente, se deve ao pouco tempo de contato realmente intensivo com a sociedade envolvente, que passa a ser enfrentado principalmente a partir de meados deste século. Esta experiência, como acontece com inúmeras sociedades indígenas, gera uma confusão de referenciais, desencadeando crises, tanto em nível social como individual. Pois não há condições para as gerações que cresceram num modelo e agora enfrentam outro, e que educaram seus filhos para um modo de vida diferente ao experienciado, elaborarem com tranquilidade esta mudança.

Neste sentido, a venda da mão-de-obra, as longas permanências fora da aldeia, em decorrência das expulsões, entre outras formas de inserção na sociedade envolvente, oferecem um maior estreitamento com os valores genericamente vigentes nesta, em que ser índio é pertencer a uma categoria social de alguma forma inferior. Estes elementos acabam sendo introjetados por eles, abalando ainda mais as referências internas, o que gera, principalmente entre os jovens adultos, um sentimento de não-lugar. Muitos não conseguem mais ocupar o papel que lhe é atribuído por sua sociedade, mas também não encontram espaço fora dela. Portanto, alguns laços importantes que reforçam a sua identidade tendem a ser diluídos. A dúvida colocada, muitas vezes, não é a de querer ser “branco”, mas se vale a pena ter acesso às coisas e ao status que ele tem. Este sentimento de não-lugar, no interior e fora da sociedade, muitas vezes é responsável por abrir caminho para o consumo, em grande escala, de bebidas alcoólicas (Vietta, 1992 : 170-176), e, para os Kaiowá/Guarani, talvez também possa estar relacionado ao grande número de suicídios ocorridos entre os jovens adultos.

De uma maneira geral, este é o quadro em que se desenvolve o *Programa Guarani*. A situação é bastante complexa e exige que se dê início a várias ações conjugadas, voltadas para a produção interna de alimentos, recuperação ambiental e saúde preventiva. Porém, considerando os inúmeros problemas levantados e a necessidade que se realize ações globais, mas também específicas e, principalmente, o imbricamento desta com as questões de ordem cultural, é preciso que se elabore um plano de ação abrangente, a ser executado a médio e longo prazo. Num primeiro momento, foram definidas duas linhas de atividades: as que serão realizadas a partir dos grupos familiares e as que estarão centradas em questões de caráter técnico, voltadas para a solução de problemas estruturais do ponto de vista ambiental. A realização de um levantamento na área de saúde é de fundamental importância, nesta linha de intervenção, na medida em que os problemas desta ordem estão relacionados em grande parte à desnutrição e às conseqüências da degradação ambiental, pelo menos em Caarapó,

onde estes dados puderam ser avaliados através de pesquisas preliminares e junto à agente de saúde, no Posto da Reserva⁸.

É importante que algumas ações se realizem com os grupos familiares, pois possibilitará o aprofundamento da pesquisa, permitindo que se trace um perfil sobre a sua coesão interna e o seu atual papel na articulação das questões sociais. A partir disso será possível estabelecer novas metas, mais amplas, para a intervenção. Estas ações estarão centradas no incremento das atividades familiares, realizadas no interior do espaço residencial: plantio de frutíferas, plantas nativas e tradicionais voltadas para a alimentação, e ampliação da oferta de matéria-prima para a construção de casas e utensílios; plantio de ervas medicinais; criação de animais domésticos, especialmente aves, cujas técnicas de criação extensiva já são dominadas; combate às formigas. O manejo dos quintais pode futuramente viabilizar a constituição de um banco de semente e mudas, a serem utilizadas por outras famílias ou regiões nesta ou nas demais aldeias.

Entre as ações voltadas para a horticultura, está em andamento, na aldeia de Jarará, o incentivo às roças familiares. Embora tenha um caráter emergencial, esta é a primeira atividade proposta pelo *Programa*. A sua necessidade se deve ao fato de a comunidade ter reocupado a área há poucos meses e, por isso, não dispor de uma série de recursos para viabilizar a produção, prescindindo de um apoio imediato. Esta intervenção, embora pontual, poderá servir como experiência piloto, subsidiando trabalhos futuros, nesta e em outras aldeias. As propostas voltadas para os problemas ambientais de caráter mais estrutural envolvem: programas de conservação do solo; recomposição ambiental, especialmente das cabeceiras dos córregos e rios; construção de represas com vistas a propiciar a criação extensiva de peixes em cativeiro.

⁸Maria Gomes Azarias, que realiza um trabalho de apoio à saúde junto à população da Reserva há mais de dois anos, apresentou à equipe um amplo quadro sobre os problemas de saúde evidenciados na Reserva.

A execução destas atividades, atualmente, extrapolam as disponibilidades da equipe, que é composta por profissionais da UCDB e do CIMI de Dourados, além de uma assessoria específica na área de agronomia. Portanto, é de fundamental importância a articulação de novas parcerias, principalmente com órgãos governamentais, que também possuem responsabilidades na busca e no encaminhamento de soluções para os problemas enfrentados pelas sociedades indígenas.

BIBLIOGRAFIA

- BRAND, Antônio. *O confinamento e seu impacto sobre os Pai/Kaiowá*. Porto Alegre, 1993. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica/PUC-RS.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. *Antropologia do Brasil*, São Paulo : Brasiliense/EDUSP, p. 97-108, 1986.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Raça e história*. Lisboa : Presença, 1980.
- RIBEIRO, Darcy (editor). *Suma etnológica brasileira*. Etnobiologia. Petrópolis : Vozes/FINEP, v. 1, 1987.
- SAHLINS, Marshal. *Economia de la edad de piedra*. Madrid : Akal, 1977.
- VIETTA, Katya. *Mbyá: Guarani de verdade*. Porto Alegre, 1992. Dissertação de Mestrado, PPGAS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- _____. Sem nossa cultura somos bichos: subsídios para uma reflexão a respeito da interpretação cosmológica Kaiowá sobre os suicídios. Comunicação apresentada na XX ABA, Salvador, abril de 1996, 14 p.
- _____. _____. *Multitemas*, Campo Grande-MS : UCDB, n. 2, dez. 1996, p. 98-109.